

# Brasil e Portugal no mundo global

por Luiz Carlos Bresser-Pereira

**Brasil e Portugal têm mais coisas em comum do que apenas o idioma. Ambos são países de desenvolvimento intermediário. Portugal desenvolvendo-se rapidamente desde que se tornou parte da União Européia, Brasil com menos sucesso nos últimos 20 anos, mas tendo uma economia relativamente grande, que lhe garante um certo peso no concerto das nações. Os desafios dos dois países frente ao mundo globalizado são similares.**

*Palavras-chave: Integração, Globalização*

**“O princípio fundamental da globalização – a competição entre as empresas e as nações – não pode deixar descansar as elites e o povo das nações intermediárias, como o Brasil e Portugal.”**

**B**rasil e Portugal partilham muita coisa em comum – coisas que são óbvias como a língua portuguesa, e a origem cultural e étnica do primeiro no segundo. Mas têm em comum outras características menos óbvias porque não lhe são exclusivas. Se imaginarmos, usando a expressão tornada clássica pelos economistas estruturalistas latino-americanos, que o mundo se divide entre um centro e uma periferia, ou então, entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, Portugal e Brasil pertencem ao segundo grupo, não obstante o grande desenvolvimento ocorrido nos últimos 20 anos em Portugal. São países periféricos, ou, mais precisamente, já que não se incluem nem entre os ricos nem entre os pobres, são países de desenvolvimento intermediário.

Mas cada um dos países abranda para si próprio esta

## **Luiz Carlos Bresser-Pereira**

Professor de Economia na Fundação Getúlio Vargas e de Teoria Política na Universidade de São Paulo, Brasil. Doutor e livre-Docente em Economia pela Universidade de São Paulo. Foi Ministro da Ciência e Tecnologia, da Administração Federal e Reforma do Estado, da Fazenda e Secretário do Governo de São Paulo.

E-mail: bresserpereira@uol.com.br

## **Nota**

Texto de intervenção em debate com Mário Soares e Adriano Moreira na Fundação Mário Soares, em Lisboa, a 10/09/02.

Recebido em Outubro de 2002 e aceite em Janeiro de 2003.

diferença com o centro rico. Portugal, porque está integrado à União Européia, o Brasil porque embora sua sociedade seja marcada pela heterogeneidade e a desigualdade, possui uma economia relativamente grande, que lhe garante um certo peso no concerto das nações.

Por outro lado, os dois países têm em comum com o centro o fato de fazerem parte integrante do capitalismo global e da democracia social. Em outras palavras, eles partilham com todos os demais países das duas características fundamentais da modernidade: o sistema econômico capitalista e o regime político democrático, na forma que tanto um quanto outro assumem no início do Século XXI.

**“Sei também o que significa não ser parte do núcleo desse sistema. Como imagino também saber a diferença de, sendo periférico, fazer parte de mais do que uma união aduaneira, como é o caso de Portugal na União Européia, ou não participar de uma relação mais solidária com o centro, como é o caso do Brasil.”**

Pergunto-me, então, o que é mais importante, a semelhança ou a diferença, a integração ou o caráter periférico? E confesso que não sei responder essa pergunta, nem estou seguro de que seja relevante respondê-la.

**“Da mesma forma que não há alternativa para o capitalismo, e os empresários têm direito de veto sobre políticas que ameaçam a propriedade e os contratos, não há alternativa para a democracia e os pobres têm direito de veto sobre a tentativa de eliminar seus direitos sociais em nome do mercado.”**

Em compensação, sei o que significa a semelhança – o que representa fazer parte do capitalismo global e da democracia social do nosso tempo. E sei também o que significa não ser parte do núcleo desse sistema. Como imagino também saber a diferença de, sendo periférico, fazer parte de mais do que uma união aduaneira, como é o caso de Portugal na União Européia, ou não participar de uma relação mais solidária com o centro, como é o caso do Brasil.

Fazer parte do capitalismo global significa que os estados-nação não se ameaçam mais com guerras, mas competem em um mercado capitalista global. Significa competição econômica, não apenas entre as empresas, mas também entre os países. Significa não poder esquecer o princípio da eficiência econômica, da racionalidade instrumental, ainda que haja mais de uma forma de atender a esta exigência, e não uma única maneira “certa”. Significa, ao contrário do que geralmente se apregoa, a necessidade de estados nacionais cada vez mais fortes, embora cada vez mais interdependentes, poderem apoiar o trabalho e o capital nacionais. Significa a necessidade de tornar seguro o sistema global de competição, e, portanto, o imperativo de se criar um sistema global de regulação, ou mais amplamente, de se estabelecer o estado de direito internacional. Significa finalmente que a diplomacia, que era a forma de relacionamento por excelência de estados inimigos, está sendo substituída pela política internacional. Enquanto a diplomacia era, no dizer de Clausewitz, a guerra por outros meios, a política internacional é a negociação e o compromisso para criar um direito internacional dotado de coercividade.

Por outro lado, fazer parte da democracia social moderna significa respeitar além dos direitos civis, próprios do liberalismo, e dos direitos políticos, conquistados na fase da democracia liberal, os direitos sociais. Se não significa a justiça social, significa a garantia de voz para os pobres nas eleições, e, em consequência, o progressivo, ainda que

lento, avanço em direção a uma maior igualdade.

Da mesma forma que o capitalismo global é incompatível com o estatismo – ou seja, com a intervenção sem-razão do estado na atividade econômica –, embora exija um estado forte, capaz de proteger os interesses nacionais, a democracia social é inconciliável com o neoliberalismo que se pretendeu arvorar em ideologia da globalização. Há um conflito intrínseco entre o capitalismo global e a democracia, que só se resolve através do estado do bem-estar social, ou, mais modernamente, do estado social-liberal. Da mesma forma que não há alternativa para o capitalismo, e os empresários têm direito de veto sobre políticas que ameaçam a propriedade e os contratos, não há alternativa para a democracia, e os pobres têm direito de veto sobre a tentativa de eliminar seus direitos sociais em nome do mercado.

**“As elites brasileiras subestimam essas desvantagens. Seja porque acreditam na solidariedade dos países ricos. Seja porque supõem que seja impossível enfrentar os mais poderosos. Seja porque são muitas vezes tentadas a imaginar que seus interesses de classe comuns com os países ricos são maiores do que com os pobres de seu próprio país.”**

Para os países de desenvolvimento intermediário fazerem parte do capitalismo global significa terem a vantagem de serem mais competitivos graças a uma mão-de-obra mais barata, e de poderem comprar ou copiar tecnologia a um custo relativamente barato. Em compensação, significa serem mais vulneráveis aos fluxos de capitais internacionais. Significa terem menor capacidade de defender-se do poder de monopólio das grandes empresas dos países centrais. Significa estarem sujeitos à dominação ideológica e cultural dos países ricos, dificultando a definição de qual seja, caso a caso, o interesse nacional. E significa não contarem com instituições e governos tão competentes quanto os dos países centrais para administrarem internamente o Estado e defenderem os interesses do país nas negociações internacionais.

As elites brasileiras subestimam essas desvantagens. Seja porque acreditam na solidariedade dos países ricos. Seja porque supõem que seja impossível enfrentar os mais



poderosos. Seja porque são muitas vezes tentadas a imaginar que seus interesses de classe comuns com os países ricos são maiores do que com os pobres de seu próprio país.

Como serão as elites portuguesas? Não sei dizer. Sei que ser parte da União Européia não significa fazer parte do centro que efetivamente toma as decisões, mas significa poder contar com um grau de solidariedade bem maior da parte dos países ricos do que aquela com que conta o Brasil. Enquanto, dentro da União Européia, embora a competição que é própria do capitalismo global esteja sempre presente, o peso da solidariedade continental é dominante. Já no caso do Brasil, apenas a competição conta.

Não haverá solidariedades relevantes, a não ser com os demais países do MERCOSUL, enquanto não se celebrarem acordos internacionais mais sólidos. Não obstante sejam evidentes vantagens de participar da União Européia, imagino que também as elites portuguesas fiquem tentadas a superestimá-las, esquecendo daquelas desvantagens que acabei de citar, e que, mesmo para o caso de Portugal, não são desprezíveis.

Apesar do avanço que, pouco a pouco, faz o direito inter-

nacional, apesar da crescente importância de instituições internacionais que não têm o controle dos países ricos, como é o caso das Nações Unidas e da Organização Mundial do Comércio, as diferenças de interesses entre os países permanecem, assim, como continua a predominância econômica e cultural dos países ricos e poderosos sobre os mais fracos. O princípio fundamental da globalização – a competição entre as empresas e as nações – não pode deixar descansar as elites e o povo das nações intermediárias, como o Brasil e Portugal.

Portugal e Brasil, como países de desenvolvimento intermediário, enfrentam, portanto, grandes desafios no mundo globalizado da democracia social. Aquelas características comuns óbvias a que me referi no início desta breve intervenção – a língua e a história comum – são um ativo que não pode ser desprezado nesta luta. São uma base de solidariedade, e as solidariedades construídas e cultivadas através do tempo são tão importantes no mundo competitivo e agressivo em que vivemos como a capacidade de cada povo de pensar por conta própria e defender seus interesses. ■

### Rectificação à edição RPBG nº 3/2002

Por lapso, no último número desta revista, o nome de um dos autores do Caso "BCTR - Business Case" em tempo real - Glaucio Cavalcanti, foi publicada de forma incorreta nas páginas 3 e 84. Ao autor, e dos leitores, pedimos as nossas desculpas.